RELAÇÕES CRIANÇA-NATUREZA E PRODUÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: O CRIA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA FRENTE À INVISIBILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda de Deus Junqueira
Universidade do Estado da Bahia, Candiba, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6160-0438
Endereço eletrônico: deusjunqueirafernanda@gmail.com

Elenice de Brito Teixeira Silva
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8145-6664
Endereço eletrônico: elenbritoba@gmail.com

Palavras-chave: criança-natureza; Círculos de Culturas da Infância; trabalho docente.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui-se como espaço de produção de culturas, saberes e relações, no qual as crianças constroem modos próprios de interpretar e significar o mundo. Entretanto, apesar dos avanços nas pesquisas da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, observamos a permanência de práticas alinhadas à lógica da educação bancária (Freire, 2021), marcadas pela transmissão de conteúdos e pela antecipação da escolarização. Como consequência, as experiências e os conhecimentos produzidos pelas crianças são frequentemente invisibilizados ou reduzidos a atividades fragmentadas, distantes de suas vivências (Gonçalves, 2021).

Nesse contexto, as relações entre crianças-natureza também são atravessadas por processos de invisibilização, uma vez que a natureza ainda ocupa lugar secundário no currículo, sendo frequentemente compreendida como objeto de ensino e não como espaço de experiência, investigação e produção de sentidos. Esse processo aproxima-se do conceito de emparedamento da infância (Louv, 2016), caracterizado pelo afastamento das crianças dos ambientes naturais e pelo empobrecimento das experiências sensíveis. Em contraposição, o desemparedamento da infância (Tiriba, 2021) propõe reconhecer a natureza como dimensão constitutiva da infância e da experiência educativa.

É nesse horizonte que situamos os Círculos de Culturas da Infância (CRIA) (Silva; Almeida, 2024), fundamentados na pedagogia freireana e na valorização das narrativas

produzidas no cotidiano da Educação Infantil. O CRIA compreende o registro pedagógico como prática investigativa e formativa, possibilitando reconhecer as experiências das crianças como produtoras de conhecimento e mobilizadoras do currículo. Este estudo constitui um recorte de uma dissertação de mestrado em Educação e Formação Docente e tem como corpus analítico a obra *Círculos de Culturas da Infância: Narrativas do Cotidiano da Educação Infantil* (Silva; Almeida, 2024). Assim, perguntamos: como as relações entre crianças-natureza são produzidas e significadas no cotidiano da Educação Infantil? Objetivamos analisar essas relações, investigando as potencialidades do CRIA como prática de resistência frente à invisibilização das experiências infantis e suas implicações para o trabalho docente.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como narrativa, de natureza interpretativa dialógica, tendo a análise narrativa como procedimento metodológico para compreender os sentidos produzidos nas experiências cotidianas da Educação Infantil. Partimos do pressuposto de que as narrativas não constituem apenas relatos de acontecimentos, mas produções discursivas que expressam modos de compreender a infância, a docência, o currículo e as relações estabelecidas entre crianças-natureza. Nesse sentido, interpretar narrativas implica considerar os sujeitos, os territórios e as relações que atravessam as experiências educativas.

O corpus analítico é constituído por 34 narrativas reunidas na obra *Círculos de Culturas da Infância: Narrativas do Cotidiano da Educação Infantil* (Silva; Almeida, 2024), produzidas por 60 participantes, entre professores(as) e estudantes de graduação. As narrativas foram construídas em diferentes contextos da Educação Infantil e apresentam experiências envolvendo observação, brincadeiras, interações, descobertas e processos investigativos das crianças em relação ao mundo físico e natural. Como perspectiva de análise, adotamos os Círculos de Culturas da Infância (CRIA), compreendendo o registro pedagógico como dimensão investigativa do trabalho docente e não como instrumento meramente documental.

Nessa abordagem, registrar significa interpretar as manifestações infantis, identificar interesses e acompanhar processos de construção de conhecimentos, possibilitando a reorganização do currículo a partir das experiências vividas pelas crianças. O processo analítico foi orientado pelos movimentos interpretativos do CRIA, envolvendo a identificação do contexto, a observação das ações e falas das crianças, a análise do brincar como produção

simbólica, o reconhecimento das curiosidades e inquietações infantis e a ampliação dos saberes por meio de novos artefatos culturais. Para aprofundar a interpretação, examinamos as narrativas a partir de questões relacionadas às concepções de natureza, criança, relação criança-natureza, docência e mediação dos conhecimentos sobre o mundo físico e natural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises preliminares indicam que as relações entre crianças-natureza emergem nas narrativas como situações existenciais, compreendidas como acontecimentos cotidianos que mobilizam perguntas, curiosidades, emoções e processos investigativos produzidos pelas próprias crianças. Experiências como a curiosidade diante da morte de um passarinho (Silva; Almeida, 2024, p. 71), o "segredo da lagartixa" (Silva; Almeida, 2024, p. 147) e a nomeação poética de elementos naturais (Silva, 2024, p. 245) revelam, inicialmente, a presença de uma criança que interpreta, questiona e atribui sentidos ao mundo natural a partir de suas experiências. Esses achados parciais apontam para a compreensão da infância como espaço de produção cultural e epistemológica, no qual as crianças constroem conhecimentos nas relações que estabelecem com os seres vivos e com o ambiente.

Além disso, também sugerem que o conhecimento sobre a natureza, nas narrativas analisadas, não se constitui como simples apropriação de informações transmitidas pelos adultos, mas como um processo construído na articulação entre curiosidade, experiência, diálogo e investigação. Nesse movimento, as crianças elaboram hipóteses, produzem explicações, compartilham interpretações e ampliam seus repertórios culturais nas interações estabelecidas com seus pares, com os(as) professores(as) e com os elementos do mundo físico e natural. Assim, as narrativas analisadas apontam para uma concepção de uma produção de uma cultura científica, vinculada à experiência vivida e à participação ativa das crianças na construção de sentidos.

Entretanto, as análises em desenvolvimento também evidenciam tensões entre as experiências investigativas das crianças e organização pedagógica institucionalizada. Observamos que algumas situações potencialmente produtoras de conhecimento podem ser interrompidas ou pouco exploradas diante da predominância de rotinas rígidas, atividades previamente planejadas ou prescrições curriculares. Essas evidências iniciais revelam a presença de racionalidades técnico-instrumentais que ainda podem limitar a escuta das

crianças e a valorização de suas experiências como possibilidades legítimas de construção curricular.

CONCLUSÕES

As análises preliminares indicam que as relações entre criança-natureza constituem dimensões fundamentais da experiência infantil e dos processos de produção de conhecimentos na Educação Infantil. Entretanto, essas relações ainda são marcadas por processos de invisibilização decorrentes de práticas pedagógicas marcadas pela fragmentação curricular, pela antecipação da escolarização e pelas condições que limitam o trabalho docente. Nesse sentido, compreender as experiências das crianças com o mundo natural implica reconhecer seus modos próprios de investigar, interpretar e produzir sentidos.

A partir disso, os achados iniciais apontam que os Círculos de Culturas da Infância (CRIA) configuram-se como uma possibilidade de resistência ao favorecer processos de escuta, registro, interpretação e ampliação das experiências infantis, reposicionando o(a) professor(a) como sujeito investigador de sua prática e fortalecendo uma docência comprometida com a valorização das culturas da infância e com a construção de currículos sensíveis às experiências das crianças. Nesse movimento, compreendemos que fortalecer as relações criança-natureza exige reconhecer a valorização do trabalho docente como condição para a construção de práticas educativas dialógicas e comprometidas com a justiça curricular, nas quais o desemparedamento da infância se apresenta como uma perspectiva ética, política e pedagógica que reafirma a Educação Infantil como espaço de resistência e garante às crianças o direito de explorar, brincar, imaginar, investigar e habitar o mundo em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Pedagogia da infância. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancella; VIEIRA, Lívia Maria Fraga (Org.). **Dicionário:** trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. 1 CD-ROM.

BERTONCELI, Mariane. **Trabalho docente na educação infantil:** entre a precarização e valorização profissional. 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Patricia Martins. **O discurso "Criança e Natureza":** uma análise crítica da construção da Educação Ambiental na Educação Infantil. 2021. 335 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. Tradução de Rodrigo Peixoto. São Paulo: Aquariana, 2016.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira e. ALMEIDA, Larissa Monique de Souza. [Orgs.] **Círculos de Culturas da Infância:** narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021. 308 p.